



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE GEOGRAFIA**

RINALDO BANDEIRA DA SILVA COSTA

**A INFLUÊNCIA DA CULTURA CANAVIEIRA NA FORMAÇÃO SOCIOESPACIAL DE
LOCALIDADES PERIFÉRICAS NO MUNICÍPIO DE AREIA-PB: O CASO DO DISTRITO
DE SANTA MARIA**

**CAMPINA GRANDE-PB
2015**

RINALDO BANDEIRA DA SILVA COSTA

**A INFLUÊNCIA DA CULTURA CANAVIEIRA NA FORMAÇÃO SOCIOESPACIAL DE
LOCALIDADES PERIFÉRICAS NO MUNICÍPIO DE AREIA: O CASO DO DISTRITO DE
SANTA MARIA**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), em forma de Monografia apresentada ao curso de Licenciatura Plena em Geografia, do Centro de Educação (CEDUC) da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), em cumprimento às exigências para obtenção do título de Licenciado em Geografia.

Orientador: Prof. Ms. Faustino Moura Neto

CAMPINA GRANDE-PB

2015

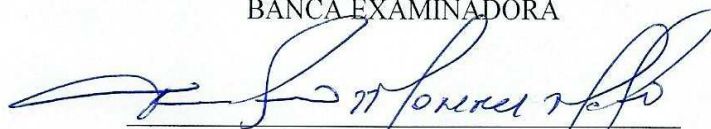
RINALDO BANDEIRA DA SILVA COSTA

**A INFLUÊNCIA DA CULTURA CANAVIEIRA NA FORMAÇÃO SOCIOESPACIAL
DE LOCALIDADES PERIFÉRICAS NO MUNICÍPIO DE AREIA-PB: O CASO DO
DISTRITO DE SANTA MARIA**

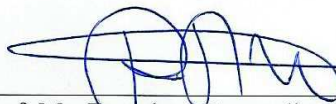
Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), em forma de Monografia apresentada ao curso de Licenciatura Plena em Geografia, do Centro de Educação (CEDUC) da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), em cumprimento às exigências para obtenção do título de Licenciado em Geografia.

Aprovada em: 10/12/2015

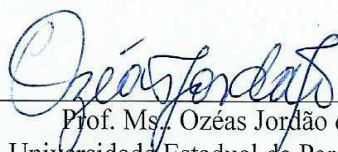
BANCA EXAMINADORA



Prof. Ms. Faustino Moura Neto (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Ms. Francisco Evangelista Porto
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Ms. Ozéas Jordão da Silva
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

C837i Costa, Rinaldo Bandeira da Silva
A influência da cultura canavieira na formação socioespacial de localidades periféricas no município de Areia-PB [manuscrito] : o caso do Distrito de Santa Maria / Rinaldo Bandeira da Silva Costa. - 2015.
40 p. : il. color.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2015.
"Orientação: Prof. Me. Faustino Moura Neto, Departamento de Geografia".

1. Usina Santa Maria 2. Cultura canavieira 3. Economia paraibana. 4. Areia. 5. Emprego. 6. Distrito de Santa Maria. I.
Título. 21. ed. CDD 910.133

À minha avó, pelo amor, companheirismo e amizade,
DEDICO.

AGRADECIMENTO

Agradeço a Deus em primeiro lugar, pois sem ele nada seríamos. Agradeço a minha família, que esteve e está comigo em todos os momentos da minha vida, sem deixar-me esmorecer e me apoiando nos momentos mais complicados.

À minha vó Neuza Bandeira (in memorian), foi por ela que lutei tanto por um diploma, por uma formação, pelo “título” de Professor, ela que sempre esperou de mim algo que ela desejou em vida. Agradeço à minha filha Marina Cavalcante Bandeira, por me motivar a buscar sempre o melhor, para um dia poder ser exemplo de pai, estudante, profissional, exemplo de Homem de verdade. Agradeço à Marinalda Cavalcante Bandeira, eterna companheira de lutas que sempre torceu e ajudou para a finalização dessa pesquisa e posteriormente a conclusão do curso.

Enfim agradeço ao corpo docente do curso de Geografia do Campus I da UEPB, na pessoa da Professora Marília Maria Quirino Ramos que tanto me inspirou pela humildade e receptividade à qual trata os alunos do curso. Agradecimento especial ao Professor Mestre Faustino Moura Neto, meu orientador, pela paciência, coragem e honestidade para comigo, pois sem ele não teria conseguido concluir essa etapa da minha vida acadêmica e pessoal, e aos componentes da minha banca de apresentação do TCC, Professor Mestre Francisco Evangelista Porto e Professor Mestre Oséas Jordão da Silva.

Obrigado é a palavra que mais representa meu sentimento. Obrigado a todos!

RESUMO

A cana de açúcar se caracterizou como um dos principais produtos do Brasil colônia. Neste aspecto a produção de seus derivados como a rapadura e posteriormente o álcool e o açúcar contribuíram para alavancar a economia do Brasil. Ao longo de seu ciclo a cana foi responsável pela produção de milhares de empregos como também da fixação do homem no meio rural. Na cidade de Areia como também em todo o brejo paraibano a cana de açúcar foi um dos mais importantes ciclos econômicos devido a prosperidade que trouxe não só na produção do álcool e açúcar advindos da Usina Santa Maria mais também para a produção de aguardente que traz um certo alívio econômico após a falência do Complexo Agroindustrial Usina Santa Maria. Neste contexto ainda se verifica em terras areienses uma grande produção de derivados da cana agora focado na cachaça sendo considerada a cidade de Areia a maior produtora deste produto na Paraíba. Não se denota hoje em dia o que anteriormente se via quando a Usina Santa Maria funcionava, pois, o que se via era uma enorme movimentação de fluxos financeiros o que muito contribuía para o crescimento de todas as atividades produtivas a ela ligada.

Palavra-chave: Usina Santa Maria, cana de açúcar, emprego, prosperidade.

ABSTRACT

Sugar cane is characterized as a major product of colonial Brazil. In this respect the production of derivatives such as brown sugar and sugar alcohol and later helped to boost the economy of Brazil. Throughout the cycle the cane was responsible for producing thousands of jobs as well as setting the people in the rural. Sand in the city but also across the pond Paraíba sugar cane was one of the most important economic cycles because the prosperity that has brought not only the production of alcohol and sugar coming from the Santa Maria plant but also for the production of spirit that brings a some economic relief after the failure of Agroindustrial Complex Usina Santa Maria. In this context there is still areienses lands a big production of sugarcane derivatives now focused on rum is considered the city of Sand's largest producer of this product in Paraíba. Denotes not today what previously was seen when the Usina Santa Maria worked, because what we saw was a huge movement of financial flows which greatly contributed to the growth of all productive activities attached to it.

Keyword: Usina Santa Maria, sugar cane, employment, prosperity.

SUMARIO

1. INTRODUÇÃO.....	08
2. A EXPANSÃO ESPACIAL DA CULTURA CANAVIEIRA NO NORDESTE BRASILEIRO.....	10
2.1 - Breve histórico sobre a cultura canavieira no Nordeste brasileiro: formação econômica e sócio territorial.....	10
2.2 - A cultura canavieira no território paraibano: expansão, concentração e reflexos sociais.....	13
3. PROCEDIMENTOS METODOLOGICOS.....	17
4. A CULTURA DA CANA DE AÇÚCAR NO MUNICÍPIO DE AREIA- PB.....	18
4.1 Localização, Histórico e caracterização socioeconômica.....	18
4.1.2 Localização.....	18
4.1.3 Aspectos Físicos.....	20
4.1.4 Aspectos Históricos.....	23
4.1.5 Caracterização socioeconômica.....	25
4.1.6 Ascensão e crise do setor canavieiro: caso do município de Areia-PB.....	26
5. A INFLUÊNCIA DA CULTURA DA CULTURA CANAVIEIRA NA FORMAÇÃO DE LOCALIDADES PERIFÉRICAS: O CASO DE SANTA MARIA.....	28
5.1 A Usina Santa Maria: ascensão e declínio.....	28
5.2 A formação sócio espacial do Distrito de Santa Maria: exclusão social e pobreza.....	33
CONCLUSÃO.....	36
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	38

1 INTRODUÇÃO

A cana de açúcar é um dos mais importantes produtos agrícolas nacionais. Atualmente sua área de cultivo abrange cerca de 8 milhões de hectares no país. De acordo com os dados do IBGE, em 2012, o estado da Paraíba apresentava a 8ª maior produção dentre os estados da Federação.

Do total produzido, cerca de 50% é destinado à fabricação de açúcar, 40% à produção de álcool (etanol) e os 10% restantes são utilizados como cachaça, rapadura e açúcar mascavo.

As primeiras mudas de cana de açúcar foram introduzidas no Brasil no início do século XVI, na Capitania de São Vicente. Porém, elas se desenvolveram com mais intensidade nas capitanias da Bahia e de Pernambuco, na Zona da Mata nordestina. Fatores naturais como o clima quente e úmido, solo fértil (massapé) e terreno plano foram fundamentais para o desenvolvimento da cana na costa litorânea dessa região.

Diferentemente da exploração do pau-brasil, que se deu por meio do escambo, a cana de açúcar foi produzida com base no trabalho forçado, inicialmente pelos nativos e depois pelos africanos escravizados.

Contudo, a atividade canavieira no Nordeste entrou em decadência a partir da segunda metade do século XVII, o que levou alguns produtores de açúcar dessa região a se deslocarem para o estado do Rio de Janeiro. Assim, o país continuava a ter no açúcar um produto de exportação. Em 1760, ele respondia ainda por metade das transações comerciais brasileiras com o mercado externo.

Em meados do século XX, a cana continuou a se expandir pelo território brasileiro, atingindo os estados do Espírito Santo, São Paulo, Minas Gerais e Paraná. Nesse momento, os engenhos começaram a dar lugar às usinas, que utilizavam eletricidade, máquinas modernas e concentravam cada vez mais terras sob seu domínio.

As usinas fizeram desaparecer os senhores de engenho, colocando em seu lugar a figura dos *usineiros* – homens da indústria que moravam nas cidades e estão atentos às bolsas de valores e à política.

Com as usinas, a paisagem se transformou de maneira radical. As terras, que antes eram utilizadas para outras culturas principalmente para a produção de alimentos,

passaram a ser ocupadas para a produção de cana de açúcar, transformando tudo em imenso “mar” de cana.

A cana de açúcar exerceu, historicamente, forte influência na organização sócio-espacial no litoral nordestino e em alguns trechos do interior, a exemplo do brejo paraibano, que foi extremamente favorecido durante a década de 70 pelo incentivo governamental chamado Proálcool. Os municípios de Areia e Alagoa Grande que faziam parte do brejo Paraibano possuíam duas Usinas produtoras de açúcar e álcool denominadas Usina Santa Maria (Areia) e Usina Tanque (Alagoa Grande). Sendo assim a Usina Santa Maria que começara seu processo de moagem na década de 30, alcança seu apogeu com os investimentos provenientes do Proálcool, consequentemente aumentando sua produção e atraindo trabalhadores, povoando cada vez mais a área circunvizinha da Usina Santa Maria. Porém com a decadência do Proálcool, a impossibilidade de mecanização na área de colheita devido ao relevo acidentado, e o péssimo manuseio das terras cultiváveis, foram fundamentais para o processo de falência da Usina Santa Maria.

Essa pesquisa busca compreender os fatores históricos que delinearão a atual situação do Complexo Agroindustrial Usina Santa Maria e suas consequências para a sociedade local, assim como promover uma ampla discussão sobre os verdadeiros motivos que levaram a falência da Usina Santa Maria, discutindo as consequências sociais ocasionadas com a desapropriação das terras pertencentes a Usina Santa Maria e analisar objetivamente as consequências econômicas para os municípios, sociedade e comércio do fechamento do Complexo Agroindustrial Usina Santa Maria.

2 A EXPANSÃO ESPACIAL DA CULTURA CANAVIEIRA NO NORDESTE BRASILEIRO

2.1 Breve histórico sobre a cultura canavieira no Nordeste brasileiro: formação econômica e sócio territorial

A cultura canavieira no Brasil e posteriormente no Nordeste brasileiro é introduzida no início do século XVI com o período de colonização e a criação das capitanias hereditárias, que dividiram a costa litorânea do território brasileiro em 15 capitanias, dentre as quais se destacavam as localizadas nos Estados do Maranhão, Piauí, Rio Grande do Norte, Pernambuco e Bahia, as quais foram entregues aos donatários que detinham total poder sobre elas, subdividindo suas terras em partes menores e entregando-as a pessoas de confiança para que pudessem cultivá-las. Em quase todas as capitanias os responsáveis por essas terras começaram a introduzir o plantio da cana de açúcar, que em pouquíssimo tempo já se tornara o principal cultivo no Nordeste do Brasil.

De acordo com Nascimento (2007, p.16):

“Para entender a organização espacial da região Nordeste, é necessário realizar um resgate histórico do seu processo de ocupação, oriundo do período colonial, o qual promoveu a formação sócio territorial de suas áreas produtoras de cana-de-açúcar: Zona da Mata Pernambucana e Recôncavo Baiano”.

Segundo Andrade (1979, p.13), o processo de povoamento do Nordeste fundamentou-se numa economia primário-exportadora.

[...] aconteceu numa sucessão de formas muito diferenciadas em natureza, intensidade, extensão e repercussões. Assim, praticou-se o extrativismo no Litoral; instalou-se a agroindústria canavieira, na Zona da Mata; dominou-se o interior com a pecuária que, após as lutas com os franceses, também consolidaria a posse das terras, ao Norte; o algodão e o arroz foram desenvolvidos no Meio-Norte, assim como o cacau, no Sudeste baiano.

A formação econômica do Nordeste brasileiro foi consolidada no século XVI, através do cultivo de cana-de-açúcar, que na época tinha valor expressivo no mercado europeu. O cultivo da cana-de-açúcar iniciou-se na faixa litorânea nordestina, onde se

verificaram também os primeiros povoados, que além da cultura da cana-de-açúcar, resguardavam a posse dessas terras. O Nordeste brasileiro apresenta os climas tropicais e subtropicais e por ser uma planta de fácil adaptação a esse tipo de clima, a cana-de-açúcar teve um acentuado aumento em sua produção para atender a demanda do mercado Europeu e como consequência, a construção dos engenhos e o aumento da mão-de-obra geraram a reprodução do capital, fator que favoreceu a modernização do processo produtivo.

O número de engenhos crescia constantemente; se eram cinco em 1550, somavam trinta em 1570, sessenta e seis em 1584 e cento e quarenta e quatro por ocasião da conquista holandesa em Pernambuco, havendo ainda dezenove na capitania da Paraíba e dois na do Rio Grande do Norte, totalizando, assim, no Nordeste, 166 engenhos. (ANDRADE, 2005, p.76).

Com a expansão espacial da cultura canavieira na região estudada, posteriormente com o aumento dos engenhos, tem-se como resultado o aumento da população nesta localidade, favorecendo os donos de engenhos que obtinham mão-de-obra de baixo custo, e também a penetração da cultura canavieira para o interior dos Estados nordestinos, pois até então esta planta só era cultivada próxima à costa litorânea do Nordeste. No que se refere ao processo de povoamento desta faixa de terras, descreve Andrade (2005, p.88):

Levantamento feito em 1774 constata um povoamento quase contínuo em toda a região estudada, desde Natal, no Rio Grande do Norte, até Penedo, no atual Estado de Alagoas. Sergipe e o norte da Bahia já eram também, naquele ano, bastante povoados. A área canavieira localizava-se quase sempre próxima ao litoral, mas em Pernambuco já penetrara bastante para o interior [...]

Os engenhos brasileiros já não podiam competir com o mercado internacional, pois, a maquinaria era de má qualidade e insuficiente e, por outro lado, no mercado internacional, já circulava um açúcar com melhor qualidade comparado ao açúcar produzido nos engenhos banguês do Nordeste, como consequência temos, nessa Região, a modernização forçada através da criação das usinas. Afirma ANDRADE (2005, p.112) que: “[...] para competir no mercado internacional, muitos proprietários já vinham procurando, desde 1870, aperfeiçoar as suas instalações industriais a fim de produzir um açúcar de melhor qualidade”. Nesse contexto surgiu a usina que, consistia

na instalação da moderna fábrica de açúcar em terras do antigo banguê e à custa de seu proprietário.

No Nordeste brasileiro, o Estado de Pernambuco assumiu um papel importante no surgimento das usinas, pois, como era o Estado líder em produção de açúcar nesta Região, apresentou também o surgimento de inúmeras usinas, principalmente no final do século XIX, quando chegou a apresentar a construção de 49 usinas no período entre 1885 e 1900, dessa forma tivemos nesse período o chamado “surto usineiro”. Explica ainda Andrade (2005, p.114) que:

Este surto usineiro foi olhado com grande simpatia pelo governo estadual, sobretudo na administração de Barbosa Lima, que foi muito generoso na concessão de empréstimos à nova indústria [...] Também contribuiu para o surto usineiro a grande elevação do preço do açúcar na década de 1890-1900, uma vez que o tipo cristal chegou a valer quase dez mil-réis por arroba (15 quilos).

O processo de declínio da cultura canavieira no Nordeste não aconteceu em uma única fase, mais em vários momentos a partir da década de 1901, quando há uma diminuição no processo de construção das usinas. Segundo Andrade (2005, p. 114):

Essa euforia do surto das usinas se estenderia até 1901, quando uma crise atingiu a lavoura canavieira, pois, a arroba de açúcar branco teve a cotação baixada para menos de quatro mil-réis. Com esta crise que se estenderia, praticamente, até à primeira Grande Guerra (1914-1918), o surto de fundação das usinas foi bastante amainado, embora não tivesse sido, de forma alguma, paralisado.

2.2 A cultura canvieira no território paraibano: expansão, concentração e reflexos sociais

Na Paraíba a cultura canvieira foi introduzida através da Capitania de Itamaracá, que originou o atual espaço territorial desse Estado, no final do século XVI, começando o desenvolvimento dessa cultura na costa litorânea, adentrando no interior do Estado pelo Vale do Rio Paraíba e posteriormente no Vale do Mamanguape e nas várzeas sertanejas, transformou-se em fonte de riqueza e prosperidade para economia paraibana. Segundo Mariz *apud* Gurjão (2004, p.47), a qualidade do açúcar da região foi o primeiro sinal de personalização da Paraíba “[...] O açúcar foi responsável pelo sucesso da capitania da Parahyba, em 1574 [...]”.

Um fato de especial destaque foi o isolamento em que se encontrava o núcleo urbano, pois, quase todo o contingente populacional da época vivia nas várzeas onde se encontrava os engenhos. De acordo com ANDRADE (1984, p.115), “[...] só nos meados do século XVIII, é que todo o território paraibano vem a ser conquistado, embora o povoamento fosse muito rarefeito na porção ocidental. A cana e o gado abriram espaço, e os indígenas, derrotados se refugiaram nas serras para tentar sobreviver e resistir”.

Já no século XIX, com a melhoria das estradas que davam acesso direto ao porto, começou a acontecer o processo de interiorização dos engenhos de açúcar, fazendo com que os engenhos chegassem a ocupar áreas de serras como o Brejo paraibano.

A mesorregião da Mata Paraibana, também denominada Litoral ou zona canvieira, compreende, tradicionalmente, as várzeas dos rios que cortam os tabuleiros litorâneos, sobretudo os dos rios Paraíba e Mamanguape. Foi o primeiro espaço a ser ocupado no Estado e constitui o berço dos primeiros engenhos açucareiros, daí sua tradição como área monocultora canvieira (MOREIRA, 1988, p.69).

Contudo, a cana-de-açúcar se expandia em todas as terras que outrora produziam outros tipos de cultura, surgindo desse modo, novos engenhos e a ampliação de outros. Na década de 1950, já existiam mais de 40 engenhos funcionando ativamente, gerando renda para seus proprietários e impostos para o Estado e os demais municípios que tinham a cultura canvieira como base de sua economia. Segundo

Andrade (1998, p.239) “[...] A região brejeira, era desde o início do século XX, uma grande produtora de rapadura, açúcar e aguardente, principalmente os municípios de Alagoa Grande, Areia e Bananeiras [...]”.

Com a fixação da cultura canavieira nessas áreas do território paraibano acontece como consequência uma nova fase da economia desta região através do fortalecimento dos engenhos banguês, que passou a aquecer a economia local e assegurava o necessário à sobrevivência dos trabalhadores, passando a povoar estas áreas.

O engenho representava uma verdadeira povoação, reclamando cem colonos, ou escravos, para trabalharem umas 1.200 tarefas de massapé, de 900 braças quadradas cada uma. Havia, além disso, um grande serviço de transporte de cana, da lenha e do açúcar fabricado. (Instituto do Açúcar e do Alcool, 1972, p.15).

O auge dos engenhos teve uma breve temporada que logo começou a declinar. Isto se explica por vários motivos, motivos esses que, são expostos por NASCIMENTO (2007, p.21):

[...] desde a política do governo paraibano na década de 1870, o qual incentivava a formação dos engenhos centrais, buscando fortalecer a produção nacional do açúcar que perdia mercado para o produzido nas Antilhas pelos holandeses. Além da produção de açúcar de beterraba na Europa no século XVII, o governo brasileiro passou a incentivar a fusão de pequenos e médios engenhos.

Ainda a respeito da crise dos engenhos Andrade (1998, p.289) afirma que: “[...] os engenhos começaram a se enfraquecer desde o ano de 1870 até 1933, com a criação do IAA, (Instituto do Açúcar e do Alcool)”.

Como se não bastasse o motivo acima citado, o quadro apresenta ainda, o desenvolvimento das usinas que tinham como função principal aumentar a produção do açúcar através de uma aparelhagem mais moderna e eficiente, superando os engenhos em modernização e produção, surgindo, dessa forma, a chamada “capitalização do campo”, trazendo consigo problemas de ordem social e espacial. Através do arrendamento das terras de muitos trabalhadores que detinham pequenas lavouras, os donos das usinas começaram a expulsar os foreiros, ou obrigá-los a substituir suas lavouras pelo plantio da cana de açúcar.

Com a elevação dos preços do açúcar no mercado internacional, as usinas se reequiparam – financiadas pelo Instituto do Açúcar e do Alcool (IAA) – e necessitaram expandir a área produtora de cana de açúcar, oferecendo aos proprietários dos engenhos e fazendas aforados uma renda mais elevada do que a que eles percebiam. Arrendadas as terras, eram os foreiros pressionados a se retirarem ou a destruir suas lavouras – muitas delas permanentes – e a substituí-las pela de cana para o fornecimento às usinas (ANDRADE, 1984, p.22).

Os engenhos banguês ainda tentaram resistir ao surto usineiro, que se apresentava na época, voltando sua produção para o mercado consumidor regional, mas como possuía pouquíssimos recursos financeiros e técnicas ultrapassadas, os banguês praticamente se extinguíram na década de 1950.

[...] com menores capitais, técnicas mais atrasadas, baixa produtividade e pondo no comércio um produto de qualidade inferior, o banguê resistiu como pôde ao surto usineiro. [...] só no fim da década de 1951 – 60 vieram praticamente a extinguir-se. Assim, o banguê reagiu por mais de 70 anos à investida das usinas para só baquear realmente depois de 1950. (ANDRADE, 2005, p.118)

A modernização do sistema agrícola ligado à produção da cana de açúcar, incentivado irrestritamente pelo governo, começou a tomar novos rumos a partir da década de 1970, com o surgimento do Programa Nacional do Alcool (PROÁLCOOL). Segundo NASCIMENTO (2007, p.21):

O incentivo à produção do álcool já estivera presente em outros momentos de crise do setor canavieiro, mas sempre de forma subordinada à produção de açúcar. Na região Nordeste do país, o PROÁLCOOL veio reforçar a capitalização e modernização da agroindústria canavieira e, sobretudo, a estrutura de propriedade e produção preexistentes.

Mesmo com essas várias fases da crise que tomava conta da produção da cana-de-açúcar, a produção não parava de crescer, principalmente a partir do ano de 1975 com a implantação do Programa Nacional do Alcool (PROÁLCOOL), que visava aumentar a produção canavieira para atender a enorme demanda do mercado. Contudo é nesse momento que se dá início as lutas dos trabalhadores da lavoura canavieira por melhores condições de trabalho e conseqüentemente, o confronto entre classes, entre os camponeses e os grandes proprietários de terras. Sobre esses conflitos sociais, comenta Andrade (1984, p.49) que:

Na área canavieira os trabalhadores passaram a pleitear melhoria de salários e de condições de trabalho, através de convenções coletivas de trabalho, a partir de 1979, quando os sindicatos, mais libertos da pressão governamental, levantaram bandeiras em favor dos seus associados.

Com essas medidas adotadas por muitos trabalhadores, alguns dos grandes proprietários foram obrigados a tomar atitudes drásticas para contornar essa situação, como expulsar os camponeses de suas terras, expropriando suas respectivas lavouras, destruindo os sítios para implantarem a cultura canavieira, tendo como consequência o aumento da pobreza nessas áreas e a migração de muitas dessas famílias dos trabalhadores para as periferias das cidades, para morar nas chamadas pontas de ruas.

Na Paraíba a cultura canavieira apresentou reflexos sociais negativos principalmente a partir da introdução e implementação do PROÁLCOOL, na década de 1975, como resultado da necessidade de expansão do território voltado exclusivamente para a produção da cana-de-açúcar. Portanto pode-se afirmar que a Paraíba sentiu os mesmos efeitos, citados acima, dos outros Estados do Nordeste, em menores proporções, mas de grande importância para o Estado. Os reflexos sociais foram de certa forma marcante, pois, é nesse período que temos a criação do emprego de mão de obra relacionado à cultura canavieira.

“Com da criação e implementação do Proálcool em 1975, a lavoura canavieira paraibana experimentou uma forte expansão, como de resto em todo o país. Durante a fase áurea do Programa, ocorreram mudanças significativa na organização do espaço agrário da zona canavieira, em particular sobre as relações de trabalho e sobre o nível do emprego. A desagregação do sistema de moradia que já vinha em andamento é acentuada com a expulsão/expropriação dos antigos moradores e a sua transformação em trabalhadores assalariados temporários, residentes nas periferias das cidades da região. Embora tenha havido destruição de emprego rural nas áreas onde houve substituição de culturas, a forte expansão da cana em áreas de cobertura florestal resultou em um efeito líquido positivo sobre a criação do emprego de mão de obra.”(TARGINO e MOREIRA, 1992, p.30)

Com a mão de obra assalariada introduzida a cultura de cana de açúcar, houve um aumento absurdo na produção dessa cultura trazendo como consequência principal o aumento dos conflitos sociais e também a grande exploração do trabalho humano nos canaviais de todo o Nordeste brasileiro.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para alcançar os objetivos iniciais e finais nesta pesquisa, realizou-se estudos prévios na biblioteca da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) – Campina Grande e do Centro de Ciências Agrárias (CCA) campus III da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) – Areia PB, à procura de monografias, livros, revistas, sites, artigos e periódicos que dispusessem informações sobre o município de Areia PB e posteriormente sobre o distrito de Santa Maria e a Usina Santa Maria, buscando uma melhor compreensão do tema abordado, procurando autores que tratassem do tema com clareza.

Após as devidas pesquisas bibliográficas estudadas e analisadas, dá-se início as pesquisas de campo (*in loco*). Adquirindo informações junto as autoridades municipais, órgãos municipais e estaduais, especialmente no que diz respeito a dados técnicos como localização geográfica, população, produção hidrografia dentre outros. Dessa forma os dados coletados foram suficientes para subsidiar a elaboração dessa pesquisa. Usando todas as informações obtidas para embasar cientificamente este trabalho.

O estudo caracterizou-se como uma pesquisa de campo, de caráter exploratório, mediante observação sistemática, através de visita, entre março e abril de 2012. Para Gil (1991), toda a pesquisa de caráter exploratório determina uma visão mais sistêmica do trabalho pesquisado, ou seja, a pesquisa se torna mais viável para a sua escritura, tornando-se assim mais atraente para o leitor.

4 A CULTURA DA CANA DE AÇÚCAR NO MUNICÍPIO DE AREIA- PB

4.1 Localização, Histórico e caracterização socioeconômica

4.1.1 Localização

O município de Areia-PB está localizado na microrregião do Brejo paraibano entre as coordenadas geográficas $6^{\circ} 51'47''$ e $7^{\circ} 02'04''$ de Latitude Sul e $35^{\circ} 34'13''$ e $35^{\circ} 48'28''$ de Longitude Oeste. Sua população de 23.829 e superfície territorial de 266,596 km², incide numa densidade demográfica 88,42 (hab/km²), segundo o IBGE (2010). Para Barros (2005), a área do município de Areia se estende desde o piemonte do Planalto da Borborema até as áreas do topo do planalto, ocupando o Setor Oriental Úmido e Subsumido do Estado da Paraíba.

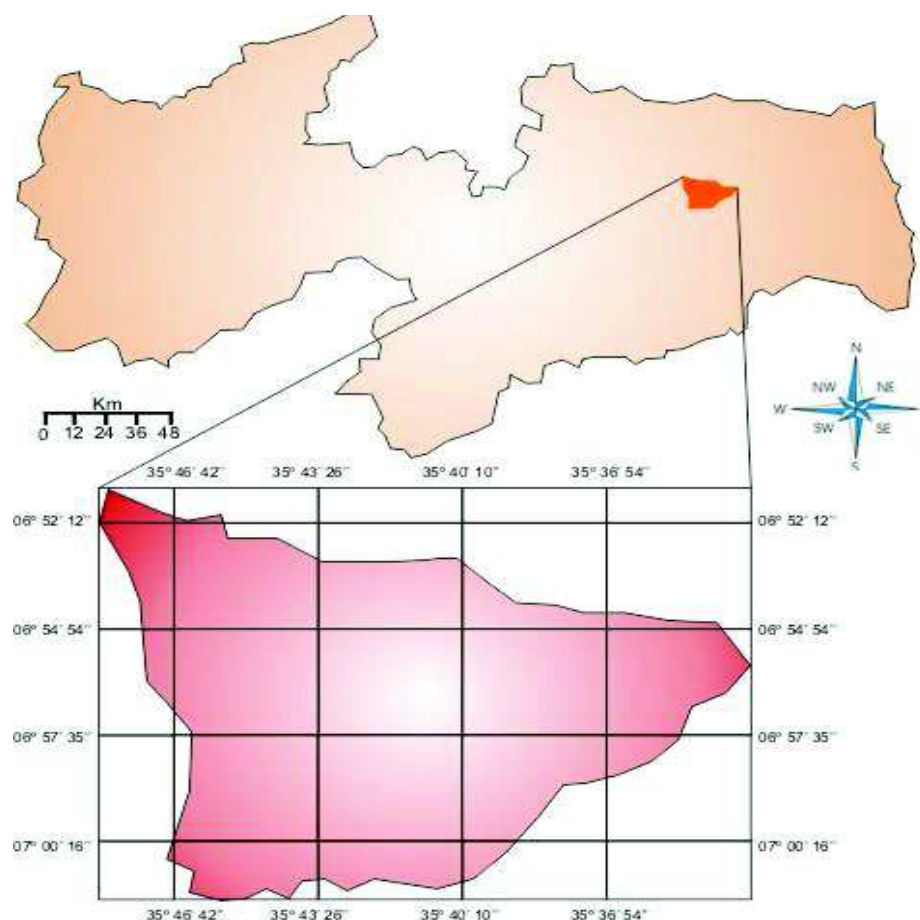


Figura 1 - Mapa de localização da Área de estudo
Fonte: <http://wikipedia.org>

Com relação à divisão e organização geoeconômica do Estado da Paraíba o IBGE (2000), situa o município de Areia, na mesorregião do Agreste paraibano, apresentando-se como um dos centros de zona na microrregião do Brejo paraibano. No que diz respeito à divisão física do Estado da Paraíba, Areia encontra-se localizada na Borborema, área de transição entre Litoral e Sertão. Como podemos observar.



Quanto a sua extensão territorial, Areia possui uma área de 266,596 km², apresentando divisas ao norte com os municípios de Arara e Serraria; ao Sul, com Alagoa Grande e Alagoa Nova; ao Leste, com Pilões e Alagoinha; ao Oeste, com Remígio, Esperança e Algodão de Jandaíra, como se pode observar no mapa a seguir (Figura - 3). A uma distância de 130 km da capital da Paraíba, João Pessoa, e 53 km de Campina Grande, cidade que mantém relações de comércio, educação e política e também por ser a sede da 3ª Região geo-administrativa do Estado ao qual pertence, Areia também é servida pela PB-79 e PB-87 as quais ligam o mesmo aos municípios circunvizinhos.



Escala: 1: 730 000

Figura 3 - Mapa dos limites do Município de Areia - PB
 Fonte: IBGE - 2000 (Adaptado: NASCIMENTO, Joselito do, 2007)

4.1.2 Aspectos Físicos

O município de Areia está localizado na parte oriental do planalto da Borborema, chegando a atingir 618 metros acima do nível do mar, apresentando uma topografia bem acidentada, com a existência de vales, encostas abruptas e morros escarpados. (IBGE, 2000)

Segundo COSTA (1976, p.83) “o relevo da cidade de Areia apresenta-se com formas onduladas, verificando-se variação de altitude”. As superfícies mais elevadas localizam-se na parte central do município, enquanto suas extremidades apresentam altitudes com menores elevações”. Nas porções sul e leste do município o relevo apresenta-se bem movimentado com formações semelhantes a Mares de Morro. O município de Areia possui formas de relevo bastante diversificadas e em diferentes posições altimétricas. Apresenta relevo bastante rugoso com intensas sinuosidades, cujo modelado se encontra sobre um conjunto geológico de base estrutural cristalina. Segundo Barros (2005) nas porções Sul, Sudeste e Leste que se localiza a barlavento, o relevo se apresenta bastante movimentado com configurações semelhantes a Mares de Morros, sendo comparados por Valverde (1955) *apud* Barros (2005, p.25) com a “Cadeia dos Apalaches, que tomou com base sua tectônica”. Segundo o mesmo autor, esse relevo vem sofrendo dessecamento pelo intemperismo mecânico tendo como agente modelador do relevo a ação do processo erosivo. Nesta área, encontram-se declives bastante acentuados e em vários locais supera a angulação de 25°, o que

proporciona uma drenagem com processos erosivos intensos dados a diferença no gradiente batimétrico entre a cimeira na borda do Planalto da Borborema e o sopé, que é o piemonte em direção Leste, para onde segue o escoamento superficial seguindo níveis de menor energia. Em determinadas porções do terreno, o relevo aparece um pouco mais suavizado, se apresentando em algumas partes colinoso, já em outras partes, mais aplainado, constituindo o que é denominado de chã (ANDRADE, 1998; BARROS, 2005).



cujas nascentes encontram-se nas encostas abruptas do município, com seus cursos percorrendo extensos vales até chegarem a terras vizinhas e desaguarem no rio Mamanguape. Também constituem a hidrografia areense, vários açudes, lagoas, cachoeiras e fontes naturais de águas cristalinas. O clima do Município de Areia, segundo a classificação de Köppen, ameno e bastante úmido, do tipo As, com chuvas que começam em fevereiro e terminam por volta do mês de agosto, apresentando uma precipitação média anual que varia entre 800 mm a 1600 mm, concentrada nos meses de julho a agosto. As temperaturas anuais apresentam máximas de 26 C° e mínimas de 18 C° (BRASIL, 1972). CHAVES e DINIZ (1981, p.75) afirmam que tais características explicam-se devido o clima local ser influenciado pelo efeito orográfico do Planalto da Borborema, onde as massas atlânticas, úmidas e quentes, trazidas pelos ventos Alísios de sudeste, ao se elevarem sobre o planalto se resfriam e provocam chuvas abundantes.

É possível perceber com clareza a localização do município de Areia e sua característica climática.

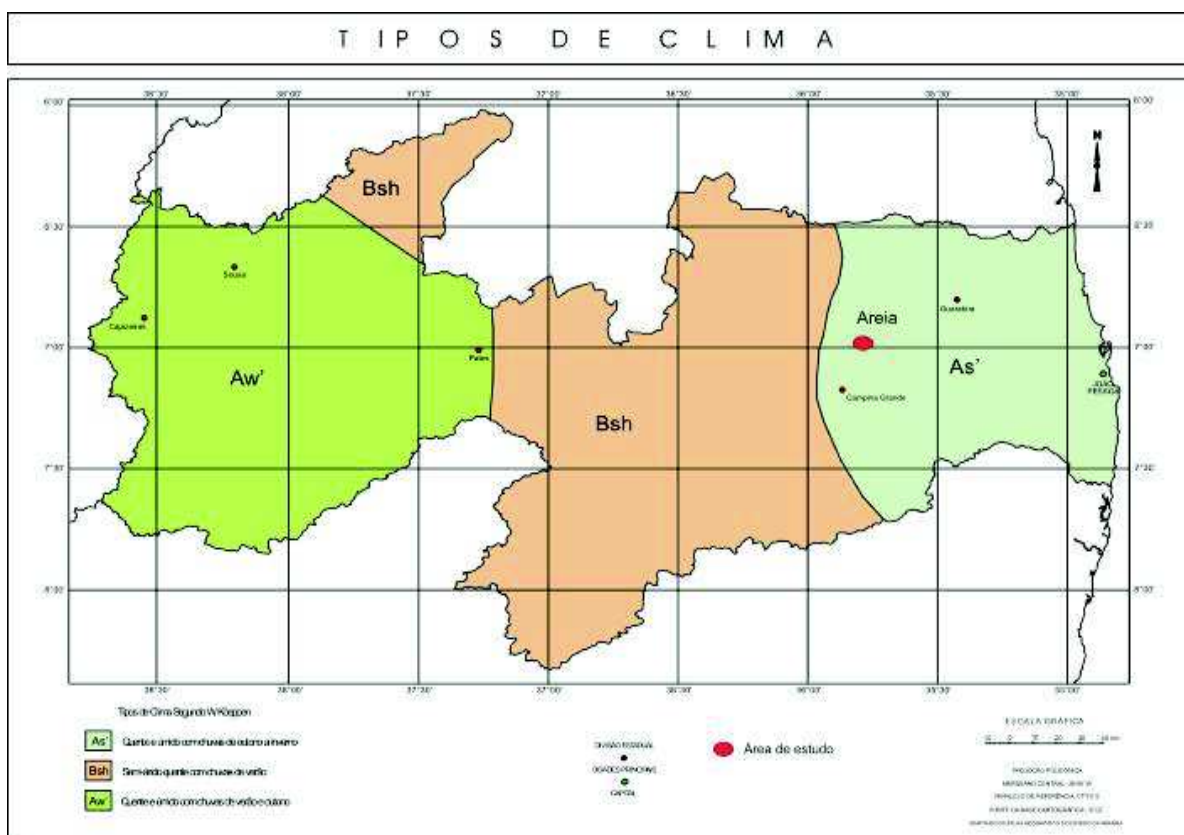


Figura 05 – Mapa de climas do Estado da Paraíba destacando a ocorrência climática no município de Areia.
FONTE: ATLAS-PB, SEPLAN/IDEME, 2003.

Com relação à vegetação diversos fatores condicionaram o desenvolvimento de um solo profundo e fértil assim como também de uma vegetação exuberante nos chamados contrafortes do Planalto da Borborema, classificada segundo o IBGE, como Floresta Ombrófila Aberta. No entanto, na porção mais Ocidental e a noroeste do município, as condições de umidade e pedogênese são diferenciadas e isso propiciou a existência de uma cobertura vegetal menos exuberante, que sobrevive às intempéries da escassez de chuvas e do solo pouco profundo. A vegetação nesta área apresenta uma tipologia denominada pelo IBGE de Savana Estépica e regionalmente conhecida como caatinga (MANUAL TÉCNICO DA VEGETAÇÃO BRASILEIRA, 1992 *apud* BARROS, 2005).

Segundo BORBOREMA (2006), da vertente oriental até a metade do topo, a vegetação apresenta características de área úmida, formando, em determinados locais, os *brejos de altitude*. A partir da metade do topo, descendo pela vertente ocidental,

existe vegetação com características de áreas secas. As matas úmidas denominadas de *brejos de altitude* se restringem ao topo e parte da vertente oriental.

A área apresenta solos bastante férteis e uma umidade consideravelmente satisfatória para a agricultura. A Floresta Ombrófila Aberta foi sendo substituída aos poucos por atividades agrícolas que se instalaram na área. Pode ser destacado como atividade principal o cultivo da cana-de-açúcar, originando uma fragmentação das florestas que recobriram toda a área de maior umidade. Para Barros (2005) o relevo movimentado do lugar como um dos fatores que permitiram a existência de alguns fragmentos da vegetação, pois, em decorrência dos vales profundos e estreitos, suas encostas íngremes e com divisores de água locais em pequenos e altos espigões, impossibilitaram o uso da mecanização para a prática agrícola.

4.1.3 Aspectos Históricos

A ocupação do território onde hoje se encontra o Município de Areia começou com o desbravamento da zona do Brejo por volta de 1625, época em que o adentramento do território paraibano estava se dando de forma mais efetiva, conforme Almeida (1980, p. 2).

Já antes da dominação holandesa, os moradores de Mamanguape haviam feito uma entrada até a zona do Brejo, no Sertão de Bruxaxá. Seguiram a montante do Mamanguape e, adiante, já depois da Lagoa do Pão, subiram por um de seus afluentes, o Mandaú, que nasce ao sopé da esplanada, onde mais tarde surgiu o núcleo inicial que deu origem à cidade de Areia. Os expedicionários eram capitaneados por Manoel Rodrigues, que empreendera em 1625, pela primeira vez, essa escalada à Borborema. Na subida tiveram a atenção despertada por estranho ruído, que ecoava no meio da mata virgem. Era o Mandaú que se lançava do alto da serra, no salto da Pitombeira, entre Areia e Alagoa Grande. Os desbravadores, impressionados pela exuberância da natureza, amenidade do clima, fertilidade do solo, cortado de regatos por todos os lados voltaram a Mamanguape com o propósito de atrair algumas famílias de Pernambuco para a zona do Brejo, que acabavam de descobrir, mas a invasão holandesa teria transformado por completo esse plano de colonização.

Na Microrregião do Brejo paraibano, tanto no município de Areia quanto em vários outros municípios, a ocupação com finalidade agrícola se tornou uma das principais fontes de renda, assim como também foram marcados pelos diversos ciclos econômicos, tendo ascensão e declínio nas diversas atividades econômicas desenvolvidas em busca de solução na substituição de um produto por outro. Dentre as

culturas com maior relevância nos ciclos econômicos podem ser citadas as seguintes: café, algodão, cana-de-açúcar, agave e posteriormente à pecuária. Para Valverde (1955) *apud* Barros (2005, p. 20) a economia rural da região tinha no engenho a sua maior importância, pois, era do engenho que se exportava a fibra do agave (*Algae sisalana*), rapadura e aguardente, no entanto, o açúcar só era produzido no Brejo pela Usina Santa Maria no município de Areia. Para o autor, existiam 91 engenhos em Areia, sendo 28 que produziam rapadura, 12 que fabricavam apenas aguardente e 51 que produziam simultaneamente aguardente e rapadura, cuja produção atingiu em 1953, 8.660.000 quilogramas de rapadura e 2.435.000 litros de aguardente. A oscilação nos ciclos econômicos foi bastante forte, cujo reflexo do declínio em alguns momentos da agricultura era percebido diretamente no setor do comércio. Barros (2005) menciona um dos momentos de declínio nas lavouras referentes ao período de 1970 a 1975, quando a região do Brejo paraibano sofreu queda na área plantada em vários municípios, dentre os quais, o Município de Areia que apresentou uma queda na ordem de 18,1%, sendo retomada posteriormente, através da implantação do Proálcool na década de setenta, com a intensificação do plantio de cana-de-açúcar, atingindo inclusive as encostas e os topos.

Mesmo com um enorme potencial agro-econômico, o município de Areia passou por muitas crises econômicas a partir de 1920, quando aconteceu a queda dos preços do açúcar e do café. Como os canaviais não produziam com tanta intensidade como antes, pois, em virtude do desmatamento praticado nas terras do Município desde os tempos da colonização, ocorreu a erosão da terra, deixando o solo pobre e os mananciais assoreados, conforme Nascimento (2007, p. 34).

Com a iminente crise agropecuária tivemos um colapso na produção canavieira em todo o Nordeste brasileiro, mas no município de Areia além dessa crise temos outro problema que foi a construção das estradas de ferro, estrada essa que não passavam pelo município causando dessa forma, um total esquecimento e enfraquecimento da economia local, segundo Almeida (1957, p. 153-154).

A partir de 1900, à medida que a estrada de ferro fecha o cerco em torno de Areia, acentua-se a crise na economia canavieira. O trecho ferroviário da capital a Guarabira, inaugurado desde 1884, prossegue em demanda do Rio Grande do Norte. Mulungu liga-se a Alagoa Grande em 1901, Itabaiana a Campina Grande em 1907, Guarabira a Borborema em 1913. Estava Areia, por esta forma, apertada num cinturão de ferro, que lhe tirava as forças de sobrevivência.

Com a expansão das ferrovias e conseqüentemente o distanciamento da mesma com relação ao município, a cidade foi ficando esquecida e, com ela, as atividades agrícolas apresentaram uma acentuada diminuição, devido à falta dos meios de transportes baratos que facilitasse o fluxo dos produtos os quais a população tinha necessidade. Os trilhos de maior importância comercial ficaram a muitos quilômetros de seus limites, e os que mais se aproximavam, não conseguiram atingir o Município devido ao relevo ser bastante acidentado.

4.1.4 Caracterização socioeconômica

Areia se caracterizou historicamente como uma cidade diversificada economicamente onde se deteve sobre vários ciclos. Dentre eles destacam-se o algodão que tinha uma produção estimada em 18 mil arrobas. Com relação a cana de açúcar a única plantada aqui referia-se a cana caiana que se adaptou a solo fértil e úmido. A partir de 1884 dá-se início a construção do primeiro engenho que se tem notícia na região na localidade da Jussará do proprietário Manoel Gomes da Cunha Melo.

Logo se seguiu a plantação de café onde o pioneiro foi o Sr. Apolônio Nobrega. Contudo essa cultura teve um curto espaço de tempo já que sua produção foi aquém da esperada devido a excessiva quantidade de chuva e frio.

O agave iniciou-se na região do Bujari com Germano de Freitas. Essa fibra era inclusive exportada para o exterior. Foi um tempo de muita prosperidade que se direcionou por cerca de 8 anos. Foi devido a prosperidade do agave que se instalou no município de Areia a sede do Banco do Brasil que se destacava como uma das melhores do interior.

O comércio só veio a se desenvolver a partir de nascimento da feira que outrora era conhecida como a maior da Paraíba. A partir de 1847 com a construção do sobrado Américo Perazzo, deu-se início na cidade as casas comerciais, com uma leva de produtos com orçamento beirando os 20 contos de réis.

Atualmente as atividades econômicas são centradas na agropecuária, onde se destacam a lavoura da cana de açúcar, feijão, milho, banana e gado. A maior parte da produção agrícola se detém ao comércio local, e a cana de açúcar ao fabrico da cachaça e uma pequena parcela de rapadura. Hoje ainda se encontra em funcionamento cerca de 28 engenhos onde se produz da rapadura a cachaça.

4.1.5 Ascensão e crise do setor canavieiro no Município de Areia-PB

O crescimento como também o desenvolvimento por que passou o setor canavieiro aqui na Paraíba e em especial no município de Areia entre 1975 e 1989 tempos áureos da produção, principalmente com o advento do Proálcool que influenciou no crescimento deste setor através dos subsídios dados pelo governo federal.

O principal objetivo do Proálcool era o de fomentar a produção de cana de açúcar como também todo o processo industrial, neste caso a indústria suco-alcooleiro através dos subsídios que contribuíam para o financiamento de 70% de todo o processo produtivo, ou seja, da produção de cana de açúcar.

No tocante ao setor produtivo o governo federal subsidiava todo o investimento realizado no crescimento das lavouras. Uma das metas do Proálcool era o de financiar entre 80% e 100% de toda a produção, onde se cobrava na época míseros 10% a 26% de juros uma mingua para a época.

Com a idealização do Proálcool observou-se uma profunda mudança em todo o sistema produtivo desde a plantação como na própria indústria que processava a cana de açúcar. Dentre estas mudanças podemos destacar o aumento das áreas onde se cultivava a cana de açúcar nos municípios de Areia e Alagoa Grande, utilização de uma iminente tecnologia tanto na produção como em sua moagem (tratores, caminhões, fertilizantes, etc) e por fim crescimento da base industrial que antes se resumia a apenas um engenho sendo ao longo do tempo transformada em usina.

Com esse desenho produtivo verifica-se uma severa desorganização na constituição da população sendo a mesma localizada em grande número na zona rural já que a mesma produzia grande parte dos empregos gerados na região.

Durante a década de 80 o governo federal dá início ao desmantelamento do Proálcool derivado da atenuação da necessidade da produção de álcool, já que os valores do barril de petróleo e o aumento da produção de petróleo em terras brasileira contribuíram para isso.

Com o fim do projeto do Proálcool o setor canavieiro inicia-se uma grave crise com a diminuição das áreas cultivadas com a cana e conseqüentemente sua produção em tonelada. Com essa sensível diminuição em seu plantio a produção de açúcar teve

também uma considerável diminuição em sua produção como também do álcool principais produtos derivados da cana de açúcar.

A falência de algumas usinas em especial a Santa Maria no município de Areia foi ocasionada principalmente por uma política de subsídios que não objetivou o aumento da produtividade como também uma política de preços que pudesse determinar ganhos financeiros para este empreendimento.

Com a crise se instalando no setor delineou-se rapidamente o desemprego e a constituição do processo de êxodo rural principalmente da saída de grande leva da população para os grandes centros urbanos do país.

Foram grandes os impactos da crise em todo o setor canavieiro que durante seu período áureo chegou a produzir cerca de 7.000 empregos diretos e indiretos de acordo com o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), no município de Areia e localidades adjacentes.

É inegável que o processo de implantação da monocultura da cana de açúcar foi de fundamental importância para a implantação de um parque industrial no município de Areia já que oficinas e outros empreendimentos também cresceram atrelada a usina.

Contudo a sua falência também significou o desmantelamento de toda a cadeia produtiva não só do parque industrial Usina Santa Maria mais também de todo o setor que a ela contribuía para a idealização de seus trabalhos digo da usina.

O comércio foi bastante afetado com a crise do setor canavieiro no município de Areia que durante anos cresceu aliada as riquezas produzidas pela Usina Santa Maria, ou seja, pela renda produzida que era utilizada por seus trabalhadores na compra de produtos no comércio local.

Os produtores de cana de açúcar sem ter para quem vender sua produção inicia a substituição da produção canavieira para outras culturas como a banana ou de alimentos para a sua subsistência ou ainda a pecuária principalmente a introdução do gado.

5 A INFLUÊNCIA DA CULTURA DA CANA DE AÇÚCAR NA FORMAÇÃO DE LOCALIDADES PERIFÉRICAS: O CASO DE SANTA MARIA

5.1 A Usina Santa Maria: ascensão e declínio

A microrregião do Brejo paraibano foi agraciada durante a década de 70 com incentivos governamentais denominado de Proálcool, onde se estabelecia neste território uma gleba enorme de engenhos produtores de rapadura e cachaça, contribuindo para isso no aumento dos trabalhadores assalariados que viviam nas fazendas.

Durante a instituição do projeto do Proálcool o Brejo paraibano onde se diga Alagoa Grande e Areia possuíam juntas duas usinas produtoras de açúcar e álcool denominadas de Usina Tanque (Alagoa Grande) e Santa Maria (Areia).

Historicamente a Usina Santa Maria iniciou seu processo de moagem em 1932, sendo constituída logo depois a produção de álcool em seu estabelecimento com a ajuda do Proálcool. Calcula-se que durante seu período de funcionamento sua produção de álcool beirava os 6,5 milhões de litros por ano, considerada a menor dentre as agroindústrias instaladas dentro do território paraibano.

A plantação de cana de açúcar ultrapassava os limites territoriais da cidade de Areia sendo distribuídos nos municípios de Pilões e Alagoa Grande. Com o aumento da demanda por terras para o plantio da cana oriunda da instalação da destilaria derivado dos incentivos governamentais seu proprietário iniciou o arrendamento dos engenhos de toda a região para que se fizesse a incorporação das terras para com isso suprir a necessidade de cana para a Usina Santa Maria. Como pode ser atestado na figura 1, logo abaixo uma vista panorâmica do prédio da antiga Usina Santa Maria e parte de suas terras cultiváveis.



Figura 6: Prédio da Usina Santa Maria, meados dos anos 60 - FONTE: Acervo Particular

Em 1975 já ocorria o arrendamento de vários engenhos da região que passaram a contribuir com a cana para o complexo agroindustrial Usina Santa Maria. Ao longo dos anos foram aumentando o número de fornecedores que na década de 70 já somavam 225 com uma produção de 40 milhões de toneladas/anuais. Com a implementação do Proálcool houve um crescimento de fornecedores o que aumentou gradativamente a quantidade de cana de açúcar chegando 80 milhões de toneladas segundo dado do IBGE.

Na década de 80 a Usina Santa Maria dispunha de cerca de 327 fornecedores de cana onde ambos geravam cerca de 277 milhões de toneladas anuais.

Como consequência deste aumento de produção houve uma considerável diminuição da população rural em sua mediação já que os mesmos não possuíam terras para o plantio de gêneros agrícolas de subsistência que foram substituídos pelo plantio da cana de açúcar onde os mesmos passam agora a trabalhar como assalariados no plantio da cana de açúcar.

Um numeroso grupo de trabalhadores que anteriormente trabalhavam nos engenhos e nas fazendas passam a constituir a população dos núcleos urbanos como Areia e Pilões. Antes trabalhadores rurais em fazendas essa população agora sem

nenhuma renda passa a constituir a população destes municípios sendo alocados nas regiões mais pobres denominadas de favelas.

Com o arrendamento muitas famílias que tinham seu pedaço de terra para o plantio da cultura de subsistência passam a não mais poderem plantar, pois, grande parte das terras era destinada exclusivamente para a produção da cana de açúcar no brejo paraibano. Como fica bem claro na figura 2, ao redor do prédio máquinas e canaviais.



Figura 7: Prédio da Usina Santa Maria rodeado por máquinas – FONTE: Acervo Particular

De acordo com o IBGE durante o período áureo da Usina Santa Maria foram produzidos cerca de 7.000 empregos distribuídos da seguinte forma: 4.000 diretos e 3.000 indiretos que contribuíam em muito para o crescimento da renda das famílias e de impostos para as prefeituras.

Contudo todo o processo de avanço tecnológico disponibilizado ao plantio e na moagem como também a todo o complexo da Usina Santa Maria foi focado apenas ao setor industrial, mais no tocante as terras que produziam a cana de açúcar não houve nenhuma manobra de melhora de produção através da introdução de novas técnicas de plantio ou mesmo melhoramento do solo tão desgastado com a queima da cana de açúcar.

Pelo contrário nas áreas de plantio da cana que foram plantadas em regiões acidentadas como nas encostas dos morros que se constituíam como únicas áreas disponíveis para o plantio, já a mecanização não foi possível devido ao relevo

acidentado que impossibilitava a entrada de maquinário mais moderno como tratores, colheitadeiras e veículos.

Além disso, tais problemas físicos em seu relevo foram fundamentais para o processo de falência onde se seguiu com seu fechamento.

Com o passar do tempo nos idos de 1980 já se percebia que a Usina Santa Maria vinha com uma crescente dificuldade financeira devido à má gestão que outrora foi entregue aos filhos do falecido proprietário e que não tinham a devida responsabilidade com os negócios da família.

A partir de 1991 decretou-se finalmente a falência da Usina Santa Maria. Sua administração passava naquele instante para as mãos da AGOENGE (Agropecuária e Engenharia S/A) pertencente a um grupo empresarial de Brasília/DF, onde seus controladores obtiveram crédito junto ao Banco do Brasil, objetivando o funcionamento da Usina Santa Maria.

Após essa tentativa a Usina Santa Maria voltou a ser fechada sem que pudesse voltar a seus anos dourados de produção e geração de renda e emprego.

Com o fechamento da Usina Santa Maria e outras adjacentes no brejo paraibano instalou-se uma profunda crise de trabalho local, com uma profunda desaceleração das atividades econômicas da região.

A mão de obra que ficou sem trabalho foi sendo deslocada para outras regiões produtoras neste caso temporariamente ou definitivamente já que muitos postos de trabalho foram fechados.

Com a seu fechamento se viu um enorme prejuízo com a perda por parte das prefeituras através dos impostos, emprego, renda e o próprio comércio que viu os clientes agora desempregados diminuir sua renda.

O crescimento da atividade canavieira na Paraíba em especial no município de Areia apresenta pontos que devem ser reavaliados pelos governantes no tocante a economia, em particular a política estabelecida pelo Estado na atividade do agronegócio.

Deve-se analisar a atividade canavieira apenas no tocante a sua produção, exportação de seus produtos (açúcar e álcool), ou ainda em sua lucratividade sem levar em consideração os altos investimentos realizados pelo poder público e privado como o Proálcool que distorcem a importância que tal atividade traz na constituição do PIB (Produto Interno Bruto).

Este pensamento antiquado não permite que pensemos nos processos de falência e o fechamento de empreendimentos como usinas e destilarias que nos fazem com que coloquemos de lado as verdadeiras consequências como as perdas milionárias destes empreendimentos muitas vezes não viáveis economicamente e os montantes investidos com dinheiro público em projetos mal formulados.

A observância que se faz com relação a falência do Complexo Agroindustrial Usina Santa Maria se deriva da ausência por parte dos órgãos públicos como também do executivo, legislativo e mesmo o judiciário para a real responsabilidade da falência da respectiva Usina.

Para os meios de comunicação e a sociedade civil a constatação da falência do Complexo Industrial Usina Santa Maria é um fator puramente delegado a seus controladores não se denotando a qualquer órgão sua responsabilidade pela perda de emprego ou renda efetuada por essa natureza.

Apenas se registrou uma mobilização de alguns setores ligados aos trabalhadores como os sindicatos e outras lideranças na defesa dos empregos e dos trabalhadores da Usina Santa Maria que logo se concebeu em uma luta após seu fechamento para a desapropriação e posteriormente implantação da reforma agrária para que se distribuíssem as terras para os assentados da região.

A falência nos mostra como um empreendimento de aporte que durante anos foi financiado com dinheiro público não teve nenhuma reação no tocante a cobrança de suas responsabilidades pelo fechamento. Isso nos mostra o quanto a sociedade está alheia a certos acontecimentos que em alguns casos recebem financiamento governamental (recursos públicos) ocasionando severos prejuízos a sociedade civil de cuja atividade dependem financeiramente milhares de cidadãos já que após a sua falência ficam os atingidos a mercê da sua própria sorte.

5.2 A formação sócio espacial do Distrito de Santa Maria: exclusão social e pobreza

O Distrito de Santa Maria, antigamente denominado de Usina Santa Maria se constituiu a partir da cultura da cana de açúcar mais especificamente a partir dos

engenhos de rapadura e posteriormente com a construção do Complexo Agroindustrial Usina Santa Maria.

Durante décadas seu crescimento social e econômico foi relevante já que grande parte de seus moradores sobreviviam dos trabalhos realizados a partir do corte da cana como também de outros trabalhos realizados na empresa.

Nesta localidade se desenvolvia um comércio ativo, principalmente com a feira livre considerado de grande porte. Ali também se realizava grandes bailes regados a bebidas, comidas.

O dinheiro fácil trazia grande crescimento para a população local que se estabelecia ao redor da empresa. Neste aspecto também se constituía uma sociedade cada vez mais crescente e que não só se notava os benefícios a esta localidade como também as regiões e municípios adjacentes que se beneficiavam da renda produzida ali.

Com o advento de sua falência todo o quadro socioeconômico passa por um processo de mutação ocorrendo uma profunda crise social, onde é bom que se diga não só no Distrito de Santa Maria mais também em toda a localidade delineada pelos benefícios da mesma.

Como exemplo deste processo podemos destacar que durante o período áureo da moagem a cidade de Areia/PB chegou a ter em seu território cerca de 40.000 habitantes distribuídos entre a zona urbana e rural. Hoje são apenas 23.829 hab. de acordo com o último censo realizado pelo IBGE (2010).

Só no Distrito de Santa Maria a decadência economicamente é sentida até os dias atuais principalmente na renda onde grande parte da sua população se transferiu para outras localidades na busca de condição de vida melhor.

No tocante a sua sobrevivência grande parte dos moradores que resistiram em ficar tiram grande parte de sua renda da agricultura principalmente do plantio da banana e de outros gêneros agrícolas de subsistência. Na figura 3, podemos observar, já nos anos 90, apenas o prédio da antiga Usina e ao seu redor, árvores e muita mata, além de algumas bananeiras que representam o cultivo da banana, e algumas casas que foram construídas pelos antigos trabalhadores da Usina Santa Maria.



Figura 8: Prédio da Usina Santa Maria, idos dos anos 90, ao fundo cultivo de bananas - FONTE: Acervo particular.

Quanto ao poder público a falência da Usina Santa Maria foi sentida na arrecadação de impostos já que a mesma contribuiu sensivelmente no aumento de arrecadação o que muito contribuía para o financiamento das obras públicas.

Hoje o Distrito possui escola, posto de saúde que foram introduzidos pelo poder público (prefeitura) para diminuir os impactos sociais ocorrentes da extinção da usina. Contudo não se conseguiu até o presente momento alavancar economicamente e socialmente está comunidade, pois, a partir do processo de declínio não se introduziu nenhum projeto de fomento a sua economia.

É bom que se diga que está comunidade tem uma relevante potencialidade principalmente no campo da agricultura, pois, possui uma vasta área agricultável e com uma gama de possibilidades de crescimento econômico para a região.

Podemos citar como exemplo a produção da banana que pode ser transformada em doces e outros alimentos como também sua vendagem pode contribuir para o aumento de renda de seus produtores.

Contudo o poder público municipal e estadual e os órgãos federais não se propuseram a contribuir para a diminuição dos estragos ocasionados pela crise que se estabeleceu após o fechamento da Usina Santa Maria.

Neste contexto podemos concluir que não se tem uma perspectiva de melhora dos padrões sociais e econômicos desta comunidade já que não se processa nenhuma atividade que possa explorar sua potencialidade.

No tocante ao processo de êxodo rural ainda se nota uma pequena transferência de parte desta população para as cidades principalmente dos jovens que não vem esperança de dias melhores no tocante a trabalho.

Neste caso quando terminam a educação básica constituída pelo ensino fundamental e médio se transferem em grande número para outras localidades na busca de emprego e principalmente de renda para que assim consigam ter uma vida digna.

CONCLUSÃO

A evolução socioeconômica que se instalou na Paraíba no período áureo da produção canavieira contribuiu significativamente para o surgimento de uma sociedade regada de privilégios e sustentada com os lucros advindos da cana de açúcar.

Em Areia não foi diferente já que os donos do poder econômico eram aqueles ditos senhores de engenho e mais tarde a sociedade açucareira.

Neste contexto a sociedade açucareira cresceu e sobreviveu à custa do dinheiro gerado com a produção do açúcar e álcool advindos da Usina Santa Maria, inclusive com a sustentação do Distrito de Santa Maria proporcionada pelo trabalho gerado pela respectiva indústria.

Apenas os donos do poder saíam satisfatoriamente beneficiados pela grandiosidade do empreendimento, enquanto a grande maioria dos trabalhadores braçal e os antigos donos de terras foram os mais prejudicados já que tiveram suas terras ocupadas para a produção da cana de açúcar.

Neste contexto histórico desenvolveu-se um crescimento assustador da população local em especial da zona rural do município de Areia e localidades adjacentes, pois, de acordo com o IBGE somando-se todos os empregos chega-se ao número de 7.000 empregos diretos e indiretos.

Neste aspecto foi favorável tal empreendimento, pois, a região outrora era carente de desenvolvimento o que acarretava para a região um índice de desenvolvimento muito baixo já que a maioria da população retirava sua subsistência através da agricultura.

Quando do processo de falência a cidade de Areia e as regiões adjacentes sentiram o impactos decorrentes da diminuição da arrecadação de impostos como também do processo do êxodo rural já que agora desempregados uma grande parte da população rural passa a buscar sustentação na zona urbana destas cidades (Areia, Pilões e Alagoa Grande), ou ainda nos grandes centros urbanos como João Pessoa.

Hoje se nota uma decadência econômica e um fluxo populacional muito abaixo da época áurea da Usina Santa Maria.

Esta estagnação também se nota no próprio distrito onde a maioria da população que vivia substancialmente da economia gerada pela Agroindústria Santa Maria não se encontra mais nesta localidade.

Por outro lado não se viu durante o período de declínio nenhuma movimentação dos órgãos responsáveis de salvar a massa falida Santa Maria numa tentativa de salvar os empregos por ela gerados.

Hoje as terras são assentamentos que foram redistribuídas a população para o plantio de alguma cultura e com isso propiciar sua existência numa tentativa de amenizar os efeitos da crise que se se instalou na região.

Como podemos notar a cidade de Areia historicamente se divide em duas fases constituída pela ascendência da cana de açúcar representada pela Usina Santa Maria e após sua falência onde os estragos são visíveis nos dias atuais.

Terminamos concluído que na atualidade não existe nenhum vestígio do que foi a maior usina produtora de açúcar e álcool da região, pois, seus equipamentos foram devidamente enviados para o Ceará para serem vendidos e com isso poderem pagar os débitos a funcionários e fornecedores.

REFERÊNCIA BIBLIOGRAFICA

ABREU, Mauricio de Almeida. **"A apropriação do território no Brasil colonial"**. In: CASTRO, Iná; GOMES, Paulo César; CORRÊA, Roberto (org.). *Explorações geográficas: percursos no fim do século*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1997.

ALMEIDA, Horácio de. **Brejo de Areia: memórias de um município**. 2. ed. João Pessoa: Ed. Universitária/ UFPB, 1980.

ALMEIDA, Horácio de. **História da Paraíba**. João Pessoa: Universitária/UFPB, 1997. pp. 169-175.

_____. **A Paraíba e seus problemas**. 3. ed. rev. João Pessoa: A União, 1980.

_____. **Brejo de Areia: Memórias de um Município**. 2ª edição. João Pessoa. Editora Universitária/UFPB. 1980.

_____. **A Paraíba e seus Problemas**. 4ª edição. Brasília: Senado Federal. 1994.

ANDRADE, M. C. de. **Lutas Camponesas no Nordeste**. São Paulo: Ática, 1984.

_____. **Geografia Econômica do Nordeste**. 8. ed., São Paulo: Atlas, 1979.

_____. **Nordeste: Alternativa da Agricultura**. Campinas: Papyrus, 1988.

_____. **O processo de ocupação do Espaço Regional do Nordeste**. 2ª ed. Recife, PE: SUDENE. 1979.

_____. **Brejo de Areia: Memórias de um Município**. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1957.

ABRANTES, Andréia Carla Oliveira. **Avaliação Elementar dos Impactos Ambientais Acarretados pela Queimada da cana de açúcar**. Monografia apresentada ao curso de especialização em Meio Ambiente e ensino da Geografia. Da Universidade Estadual da Paraíba. Campina Grande, PB: 2001.

ANDRADE, Gilberto Osório, e ANDRADE, Manoel Correia de. **Os rios de Açúcar do Nordeste Oriental: O Rio Paraíba do Norte**. João Pessoa, PB: Universitária. 1997.

FANELLI, Luis Carlos. **Manual Brasil Agrícola: Principais produtos**. São Paulo: Ícone, 1986.

FIÚZA, Alexandre Felipe et al. **Uma história de Areia**. João Pessoa: Universitária/ UFPB/ PRAC/ NDIHR, 1998.

GONDIM, A.W. de A. **Goeconomia Agricultura do Brejo Paraibano: Análise e Avaliação**. João Pessoa: Universitária. 1999.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística." Areia-PB". In: FERREIRA, J. P. (org.). Enciclopédia dos Municípios Brasileiros. XVII Vol. Rio de Janeiro: IBGE, 1960. pp.192-200.

_____. IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística." Areia-PB". Portal IBGE Cidades@. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>>. Acesso em: 18 jul. 2012.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Manual Técnico da Vegetação Brasileira**, 2000.

_____. Censo Agropecuário, 2004.

_____. Censo Demográfico, 2000.

LARCEDA, Automar Guedes de. **Pelos Campos da Fome: um estudo sobre as conseqüências da falência da Usina Santa Maria no Município de Areia-Paraíba**. Areia: UFPB 1996.

LEÓN, Adriano Azevedo Gomes. **Do Engenho à Usina. Uma Análise Sobre a Modernização da Agricultura no Município de Areia-Paraíba**. Areia: UFPB, 1989.

LIMA, Luiz Renato Régis de O. **As condições de vida e trabalho da população infanto-juvenil do município de Pedras de Fogo**. João Pessoa, Monografia de Graduação do Depto. de Economia da UFPB. 1994.

LEÓN, Adriano Azevedo Gomes. **Do Engenho à Usina. Uma Análise Sobre a Modernização da Agricultura no Município de Areia-Paraíba**. Areia: UFPB, 1989.

LIMA, J.A. de. **Sinopse estatística do Município de Areia**. Areia: IBGE, 1975. (Edição comemorativa do 129º Aniversário de Fundação da Cidade de Areia).

MOREIRA, Emília. **Atlas de Geografia Agrária da Paraíba**. João Pessoa: Editora Universitária. 1996.

MOREIRA, Emília; TARGINO, Ivan. **Capítulos de Geografia Agrária da Paraíba**. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB. 1991.

MUMFORD, Lewis. **A cidade na história: suas origens, transformações e perspectivas**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004. 742p.

NASCIMENTO, Joselito do. **A Cultura da Cana-de-açúcar e a (Re) Produção do Espaço Agrário do Município de Areia/PB**. Campina Grande. Monografia de Graduação. Curso de Licenciatura Plena em Geografia – UEPB, 2007.

PEREIRA, Jurandyr Pires (coord). **Enciclopédia dos municípios brasileiros**. Rio de Janeiro: IBGE, 1960. 17 v.

SANTOS, M. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. São Paulo: Hucitec, 2001.

XAVIER, Lauro Pires (coord.). **A visão do Nordeste; na perspectiva de José Augusto Trindade**. João Pessoa: Fundação Casa de José Américo, 2000.

MOREIRA, Emília e TARGINO, Ivan. **Capítulo de Geografia Agrária da Paraíba**. João Pessoa, PB: UFPB. 1997.

MIRANDA, Carlos Alberto de. **A Cultura Canavieira: a decadência e seus efeitos econômicos – o caso de Alagoa Grande-PB, 1980 a 2006**. 2006. 54 fol. Monografia apresentada para obtenção de título de licenciatura plena do curso de Geografia da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, Paraíba, 2006.

NASCIMENTO, Joselito do. **A cultura da cana-de-açúcar e a (re)produção do espaço agrário do Município de Areia-PB**. 2007. Monografia (Graduação) Curso de Licenciatura Plena em Geografia. UEPB/CEDUC/DHG, Campina Grande-PB, 2007.